

95/1

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI - RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
ALUNA: DENISE SAMPAIO FURTADO
CURSO: PEDAGOGIA - 8º PERÍODO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II
PROFESSORA: GILDA BRUMBACK
PROFESSORA ORIENTADORA: SANDRA MEDEIROS

MOTIVAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA
E O PAPEL DO PROFESSOR

1995/1º

Motivação na pré-escola e o
papel do professor.

por

Denise Sampaio Furtado

Universidade do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas

Escola de Educação

Curso de Pedagogia

Professora da disciplina

Gilda Grumback

Professora Orientadora

Sandra Albernaz de Medeiros

Professor leitor

José Maria Coutinho

30 de junho de 1995

SUMÁRIO

I) INTRODUÇÃO 1 a 8

II) DESENVOLVIMENTO 9 a 30

III) Conclusão 31 a 32

IV) BIBLIOGRAFIA 33 a 34

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por ter me dado forças para a realização dessa monografia.

Não posso deixar de citar o grande apoio dado por meus familiares, principalmente pela minha avó já falecida.

Com grande carinho, cito a grande ajuda dos professores SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS (orientadora) e JOSÉ MARIA COUTINHO (leitor).

RESUMO

Esta monografia abordará a importância da motivação no pré-escolar e o papel do professor.

O professor tem um papel fundamental no âmbito educacional. Este, conforme sua atuação em sala de aula, motivará seus alunos ou levará ao desinteresse.

A fase do pré-escolar é bastante rica. Nesta, a criança está em pleno desenvolvimento. A coordenação motora, linguagem, a criatividade podem ser bem trabalhadas nesta fase.

É muito importante o educador, rever sua postura como profissional, se preocupando com a formação de seus alunos, com a formação do cidadão.

I - INTRODUÇÃO

1) - CONTEXTUALIZAÇÃO

O valor da motivação tem sido realçado em todos os campos da Psicologia aplicada. A afirmação do psicólogo Young, em 1936, de que "todo comportamento é motivado", vem sendo constatada pelos estudiosos do problema, embora seja passível de discussão sobre diferentes prismas teóricos. Podemos citar outras definições que colocam a motivação como: "Motivação é vida" (FALCÃO, 1989:71); "Motivação é um processo interior, no indivíduo, que deflagra, mantém e dirige o comportamento" (CAMPOS, 1972:99); "Motivação é uma força interna, que faz parte da nossa personalidade" (BARROS, 1989:143); "Motivação vem do latim "movere" e significa "aquilo que faz mover, provoca ação, movimento no indivíduo" (CAMPOS, 1972:95).

O estudo da motivação humana representa para o educador uma preocupação democrática, onde o conteúdo e os métodos da educação devem sempre, que possível, respeitar os motivos individuais e os da comunidade em que vive o educando. Se olharmos sobre o prisma social, veremos que vários fatores como desemprego, fome, miséria, contribuem para o indivíduo se mostrar desmotivado e desinteressado.

No que se refere à criança de pré-escolar, a motivação deve ser bem trabalhada, pois, se trata de uma fase onde a criança vive um período de egocentrismo e desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, a medida em que os anos passam a criança vai mostrando evolução, sua capacidade de raciocínio, linguagem. Esta fase é cheia de descobertas e avanços, sendo ideal para que se despertasse interesses, deixando com que as crianças descobrissem suas motivações. Na afirmativa "A criança não é um pequeno adulto" PIAGET (1986:10) aborda de maneira clara, que a criança tem um desenvolvimento diferente do adulto, principalmente, no que se refere ao pré-escolar, precisando de atenção e respeito.

É necessário que os professores saibam se posicionar com relação à criança nesta fase de 2 a 7 anos (pré-escolar). É preciso que se desperte na criança o seu lado social, mostrando-lhes, regras de convivência e socialização.

Jean Piaget (1986:13) "É uma fase das relações sociais de submissão ao adulto". Entendemos como sendo o lado social, o aprender a respeitar o espaço dos outros e o seu próprio. A socialização aparece bem cedo na criança e podemos dizer que desde o nascimento estabelece-se a troca, a comunicação e o relacionamento com as outras pessoas.

2) JUSTIFICATIVA

O processo ensino-aprendizagem é o tema central na atividade do professor. John Dewey afirma que, "se o aluno não aprendeu, o esforço do professor foi uma tentativa de ensinar, mas, não ensinou, assim como, no comércio se o freguês não chegou a comprar, o comerciante não pode dizer que vendeu." Costuma-se definir aprendizagem como mudança de comportamento no sentido mais amplo que esta palavra possa ter. "Aprendizagem deverá integrar o lado lógico e o intuitivo, o intelecto e os sentimentos, o conceito e a experiência, a idéia e o significado". Quando se aprende desta maneira, somos integrais, utilizando todas as nossas possíveis capacidades. "Aprendizagem é aquela insaciável curiosidade que leva o ser humano a absorver tudo o que pode ver, ouvir ou ler". (ROGERS, 1986:28)

A motivação é um aspecto preponderante na aprendizagem. É fundamental para que ela ocorra. Sem motivação o indivíduo não dará o melhor de si na construção do seu trabalho, não desenvolverá o sentimento de auto-estima e de realização. A motivação é um processo que vem de dentro para fora. A motivação é intrínseca. "Motivação intrínseca é inerente ao objeto da aprendizagem, à matéria a ser aprendida, à afinidade a ser executada, não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Derivando-se da satisfação inerente a própria atividade de aprender, está presente e é sempre eficiente" (CAMPOS, 1972:102)

Segundo Jean Piaget (1986:28). No pré escolar (2 a 7 anos) o desenvolvimento da língua é muito extenso e as condutas da criança são profundamente modificadas no que se refere aos aspectos afetivo e intelectual. Além de todas as ações reais ou materiais de que é capaz, como no curso do período precedente, a criança torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstruir suas ações passadas sob forma de narrativas, e de antecipar sua ações futuras pela representação mental. Uma possível troca entre os indivíduos, ou seja, o início da socialização, isto é, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem e o sistema de signos e, fundamentalmente interiorização da ação como tal, puramente perceptiva e motora que era até então, pode aí em diante se reconstruir no plano intuitivo das imagens e das experiências mentais. sob o ponto de vista afetivo, segue-se uma série de transformações paralelas, desenvolvimento de sentimentos interindividuais (simpátiás, antiapatias e respeito) e de uma afetividade organizando-se de maneira mais estável do que no curso dos primeiros estágios.

Durante o pré-escolar, a criança necessita de incentivos constantes , pois, nesta fase, é egocêntrica. A socialização começa a se dar quando a criança aprende a comunicar-se com seus colegas, através de jogos, tarefas em grupos, etc. . Daí, a importância da escola, do trabalho dos professores.

O tema escolhido é de grande interesse para a Psicologia e a Educação , principalmente, no que diz respeito ao processo ensino aprendizagem e os seus aspectos motivacionais. Abordar a motivação na aprendizagem, mirando a clientela de pré-escolar é necessário pois, esta fase é fundamental para desenvolvimento psicológico e social da criança.

3) DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O comportamento cotidiano é muito complexo, já que se busca a satisfação simultânea de mais de um motivo mas, nem sempre isso ocorre. Muitas vezes poderá haver conflito de motivos e conseqüentemente de objetivos, e com isso haverá confusão a respeito dos objetivos que devem ser alcançados.

Um aluno pode estar interessado no tema da aula, enquanto seus colegas estão envolvidos em alguma brincadeira. Existe um problema sério de compatibilizar os diferentes motivos, sobretudo os de natureza social. A pessoa enquanto indivíduo, possui suas necessidades.

O ponto central a dessa questão em foco é que o professor deve estar sensível às motivações da criança de pré-escolar, e muitas vezes, esquece que para a sua aula ser produtiva a criança deve estar motivada, ficando a seu cargo incentivar para as atividades propostas. O professor pode ser responsável pelo não rendimento de sua aula e se o aluno não se sentir motivado, sua atividade não será produtiva. É sempre importante lembrar que o aluno deve se encontrar em boas condições emocionais de saúde e alimentação.

O papel da escola e do professor tanto na aprendizagem quanto na socialização da criança é fundamental. Na escola, mais propriamente em sala de aula, a criança começa a conviver com outras e a aprender como respeitar e ser respeitada.

"A descoberta infantil da arbitrariedade dos nomes manifesta-se, muitas vezes, nos xingamentos que tanto prevalecem nos primeiros anos de vida."

(ELKIND, 1970:29)

Segundo Elkind (1970:32). O mundo animado é o primeiro a prender a atenção da criança nesta fase. Depois de começar a ter certa familiaridade com o mundo animado ela se volta para o mundo inanimado, para o sol, a lua, as estrelas e para os problemas de quantificação e classificação. Geralmente refletem a transição para o raciocínio elementar dos primeiros anos de escola; isso ocorre por volta de 5 a 6 anos.

É importante a compreensão das comunicações não verbais da criança. O modo como uma criança se sente e se movimenta, o tom da sua voz e seus hábitos comunicam tanto quanto as suas produções verbais.

"O professor deve ser sensível a todos os planos de comunicação se verdadeiramente deseja compreender e relacionar-se com seus colegas".

(ELKIND, 1970)

A problemática desse trabalho consiste na importância que a motivação exerce na aprendizagem da criança. Na fase do pré-escolar, a criança é bastante suscetível e influenciada por um adulto que ela se espelha. Podendo ser os pais, os professores. Quando motivada, rende muito mais significando que está em processo de transformação. Daí a extrema importância da prática do professor em sala de aula. Este, deve estar alerta a aceitar as transformações que ocorrem com a criança. Deve respeitar o nível sócio-econômico deste, como também as suas experiências individuais.

4) OBJETIVOS

4.1) OBJETIVO GERAL

Analisar a influência da motivação no processo ensino aprendizagem da criança de pré-escolar.

4.2) OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- A) Investigar a função da motivação na aprendizagem.
- B) Investigar a contribuição do professor no processo ensino-aprendizagem.

5) QUESTÕES A RESPONDER

- A) Os métodos adotados pelo professor, influenciam na motivação do aluno?
- B) A personalidade do professor influencia na motivação do aluno?
- C) Quais os meios utilizados pelo professor para influenciar experiências individuais dos alunos?

6) DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O estudo desenvolvido neste trabalho, constará em destacar a influência que a motivação exerce na aprendizagem da criança, principalmente na fase do pré-escolar. Irá também investigar a contribuição do papel do professor no processo ensino-aprendizagem.

Esse estudo tem a tenção de despertar a atenção para a atuação do professor no pré-escolar, o desempenho do seu papel, para que os alunos se sintam interessados, motivados a aprender e como percebe e lida com as motivações de seus alunos.

II - DESENVOLVIMENTO

2.1) MARCO TEÓRICO

É necessário que o professor fique atento para o lado motivacional do seu aluno, ajudando-o a estabelecer uma hierarquia de valores e a descoberta de maneiras adequadas para atingi-los. O pré-escolar, é uma fase de pleno desenvolvimento por isso é importante diversificar seus objetivos. Piaget e Rogers e as teorias Behaviorista e Gestaltista discutem muito sobre a importância da motivação na aprendizagem.

No que se refere à aprendizagem, a Psicologia da Gestalt, é esclarecedora e tem uma importância preponderante para se entender o processo ensino-aprendizagem e como a motivação se constrói na criança. Outro pensador fundamental para o entendimento do processo ensino-aprendizagem, da criança e da motivação é Carl Rogers. Ambas, levam a prática do docente em sala de aula ser mais responsável, mais crítica. Utilizaremos portanto, os conceitos da teoria da Gestalt e a teoria Rogeriana.

A visão humanista de Carl Rogers considera o aluno como o centro do processo ensino-aprendizagem. A criança não é mera receptora, em relação aos conhecimentos que recebe, esta se posiciona de maneira atuante fazendo parte ativa do processo. O professor é um facilitador, auxiliar do ensino e ajuda à criança a se desenvolver e a exteriorizar suas potencialidades.

Para os gestaltistas a aprendizagem é um processo de aquisição ou mudança, de "insights", de perspectivas ou de padrões de pensamento. Estes, ao pensar os problemas da aprendizagem, preferem usar os termos pessoa, em vez de organismo, ambiente psicológico em vez de ambiente físico ou biológico e interação. Estes conceitos são vantajosos para os professores já que o tornam apto a ver simultaneamente a interação da pessoa com o ambiente tudo ocorre em um só tempo.

Carl Rogers (1966:72) afirma que a prática docente, a educação devem ser centradas na pessoa. Trata-se de algo que se desenvolve dentro da gente. é um conjunto de valores, difíceis de atingir, que dão ênfase à dignidade do indivíduo, a importância da escolha pessoal, à significação da responsabilidade, à alegria

da criatividade. É uma filosofia, construída sobre os fundamentos de vida democrática, a dar poderes a todo o indivíduo.

2.1.1) PSICÓLOGIA DA GESTALT

A Psicologia da Gestalt surgiu na Alemanha por volta de 1910, com os trabalhos experimentais dos cientistas Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Kofka.

A palavra alemã gestalt corresponde, aproximadamente, às palavras forma, figura, estrutura, todo, padrão, configuração, etc...

Para os psicólogos toda a percepção é uma gestalt, um todo que não pode ser compreendido pelas partes. O todo é mais a soma das partes e tem um caráter global, sendo que esse todo depende da relação entre as partes.

Os princípios sobre a percepção auxiliam grandemente na compreensão do fenômeno da aprendizagem. O psicólogo Ogdenx, em seu livro Psychology and Education (1978), apresenta considerações importantes sobre o assunto. De acordo com a Psicologia da Gestalt, há vários modos de aprendizagem: por gradação, diferenciação, assimilação e redefinição.

O comportamento é uma função da situação total, uma pessoa age interagindo em um campo de forças psicológicas que inclui propósitos e objetivos, interpretação de objetos físicos relevantes e acontecimentos, lembranças e antecipações. A motivação não pode ser descrita meramente como impulso para a ação, disparado por um estímulo. Emerge, isto sim, de uma situação psicológica dinâmica, caracterizada pelo desejo de fazer algo. Psicólogos da gestaltistas vêem a motivação como um produto do desequilíbrio no espaço. O espaço vital inclui objetos e barreiras a serem superadas. Um objetivo pode ser positivo ou negativo - algo que se quer obter ou algo que se quer evitar. Quando aparece uma barreira, isto é, qualquer obstáculo à obtenção direta e imediata de um objetivo, a pessoa sente tensão. A motivação é tendência para se libertar da tensão, continuando em direção ao objetivo e superando qualquer barreira que se apresente.

O professor de orientação gestaltista se vê preocupado com o problema do envolvimento pessoal, isto é, ajuda aos alunos a verem a necessidade de aprender. Os objetivos pessoais dos alunos serão muitas vezes relevantes. O professor deverá organizar a situação do processo ensino-aprendizagem, de modo que os alu -

adotem objetivos inteiramente novos. Se a criança não perceber a necessidade de aprender algo, não aprenderá ou então, aprenderá somente de modo transitório e funcionalmente inútil.

2.1.2) A MOTIVAÇÃO DO COMPORTAMENTO

Segundo Bruner a palavra motivo é usada, na linguagem comum com o sentido de causa. O estudo dos motivos, realizado pela Psicologia, tem por finalidade determinar as causas das novas ações.

Novas ações são causadas por duas espécies de forças: As fisiológicas e as sociais (desejo de agradar às pessoas com quem vivemos).

Os psicólogos adotaram a palavra motivo para designar tanto as forças sociais com as forças fisiológicas que levam o ser humano a agir.

A palavra motivo é usada quando nos referimos ao comportamento humano. As forças que levam os animais a agirem são denominadas impulsos e instintos.

O psicólogo Abraham Maslow, apresentou importantes idéias sobre o que se ja motivação. Sugeriu que o homem tem alguns motivos primários que vão desde os inferiores até os superiores. Primeiro temos os motivos fisiológicos como a fome, de pois, os de segurança; a seguir os motivos de amor, os de estima e, finalmente, os de auto-realização.

Segundo Maslow quanto menor for o motivo, tanto mais crucial ele é para a sobrevivência. A hierarquia refere-se também à ordem de aparecimento dos motivos no desenvolvimento do indivíduo. Os motivos fisiológicos aparecem primeiro, os de auto-estima mais tarde, e a auto-realização mais tarde ainda. Se porventura surgir. No ponto mais elevado da hierarquia se localizam as necessidades ligadas a auto-realização, que incluem o desejo de conhecer e compreender e as necessidades estéticas. As pessoas com nas anteriores, voltam-se para as mais altas, estando portanto na "motivação do crescimento" porque voltadas para as necessidades do ser, em outras palavras, voltadas para a sua auto-realização. A pessoa em déficit com suas necessidades básicas, está voltada para a sua segurança; quando a pessoa as satisfaz, volta-se para sua auto-realização ou crescimento.

Para Maslow, acima de tudo, o professor deve propiciar ao aluno a busca do seu crescimento e a sua auto-realização. Para tanto deve permitir a auto-expressão do aluno, a ação espontânea, a experiência e os erros; deixá-lo ver-se. Isso pode estimulá-lo a trabalhar persistentemente absorvido numa tarefa de aprendizagem frutífera e educativa. As crianças em fase de pré-escolar são as que precisam ser mais motivadas e vistas pelo professor, devido a suas características de transformação, desenvolvimento e descobertas.

"A Motivação depende da personalidade e das experiências vividas passadas. De outro lado os incentivos presentes, num momento determinado, poderão influenciar o comportamento como fatores ambientais, capazes de satisfazer os motivos correspondentes. Personalidade é o conjunto de novos modos de agir especialmente com outras." (BARROS, 1989:116)

segundo Barros (1989:118) os processos básicos da vida, a produção de energia, o crescimento do corpo e a reparação de tecidos danificados dependem de um delicado conjunto de condições químicas nas células de qualquer organismo. Contudo, o organismo vive também num meio externo cujas condições estão mudando constantemente - As promissões de alimento esgotam-se, a água inexistente ou não está a alcance a temperatura oscila. Apesar dessas alterações externas o organismo deve manter sua estabilidade. Alguns motivos importantes para os seres humanos são usualmente classificados como homeostáticos.

Geralmente, as condições que provocam o desequilíbrio homeostático dão origem a uma diversificada de motivos psicológicos, cujos objetivos são a recuperação ou manutenção do equilíbrio interno. Este, é da maior importância para a sobrevivência biológica. Tal modelo homeostático é lógico e reverte-se de um grande impacto sobre o pensamento psicológico. alguns psicólogos afirmam que a homeostase é, direta ou indiretamente a base de toda a motivação humana.

"O conhecimento da motivação é a chave do controle do comportamento humano." (ANGELINI, 1973:110)

2.1.3) A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM (UMA VISÃO HUMANISTA)

Segundo Rogers o papel do professor no processo ensino-aprendizagem é fundamental. Quando este tem capacidade de compreender as reações do seu aluno e possui uma consciência sensível de maneira pela qual o processo da educação e da aprendizagem ocorre, então, mais uma vez, aumentam as probabilidades de uma aprendizagem significativa.

O professor é um facilitador da aprendizagem, e assim, aprecia os sentimentos e as idéias de seus alunos, respeitando-os. O clima de cordialidade e empatia é fundamental para um bom relacionamento.

Para se colocar a posição de compreender o lado individual do aluno, o professor deve desenvolver a sensibilidade e a humildade de buscar a si mesmo, isto é, o professor deve fazer uma reflexão, uma auto-crítica a seu próprio respeito. Colocando-se no lugar do aluno, irá perceber a sua prática de ensino é eficaz ou não.

O professor deve levar o seu aluno a criar, oferecer, condições para este seguir o seu caminho, com o seu próprio espaço. As aulas massificantes, onde só o professor tem razão e o aluno não tem o direito de opinião, não são motivadoras. Deve-se levar o aluno a aprender de forma amena, fazendo com que esta aprendizagem seja duradoura, isto é, que permaneça e seja enriquecedora.

As crianças devem ser confrontadas com temas que tenham significado e relevância. Em nossa cultura, tentamos isolar os alunos dos problemas reais. Se o que se deseja é ter pessoas que aprendam para ser livres e responsáveis, é necessário que estas confrontem e enfrentem seus problemas.

"É adequado a qualquer professor tentar saber dos estudantes quais os problemas e temas que lhes são reais, e também, relevantes" (ROGERS, 1986:156)

Segundo Mager, as crianças são intrinsecamente motivadas em alto grau. Muitos elementos do meio ambiente constituem desafios para eles. São curiosos,

áridos por saber descobrir, resolver problemas. Uma parte triste de nossa educação é que quando estes, já passaram um certo número de anos na escola, a motivação intrínseca já se acha bastante esticada, isto é, o entusiasmo foi perdido. A tarefa do professor, facilitador da aprendizagem, é fazer com que a criança funcione, descobrir quais os desafios que são reais para eles e ampliar as oportunidades de que se deparem com esses desafios.

O professor comprometido com a sua prática em sala de aula, desafia a ele mesmo, isto é, tenta descobrir novas formas de como atuar com seus alunos, como incentivar mais seus alunos, para que a motivação ocorra.

2.1.4) O PROFESSOR COMO ORIENTADOR E MOTIVADOR DO EDUCANDO

Segundo Nilda Alves (1992:17) é um elemento indispensável no processo ensino-aprendizagem. Este processo é um dos tipos de comunicação que existem entre crianças e adultos. O professor deve ser o indivíduo que transmite a sua mensagem aos alunos num meio propício ao desenvolvimento de todas as capacidades das crianças. Em teoria da comunicação, aquele que emite a mensagem é comunicador ou emissor; o que recebe a mensagem é o receptor. Portanto, no processo de ensino-aprendizagem, o comunicador é o professor e o receptor é o aluno. A mensagem é tudo o que ele transmite de ensinamentos, experiências de vida ou atividades. Dependendo do tipo de educação que se pretende oferecer, a formação profissional do educador será diferente e variará também o seu comportamento como comunicador.

"O professor é um comunicador muito especial." (ALVES, 1992:22)

A tarefa de ensinar, em qualquer grau, é uma responsabilidade muito grande, mas parece-nos que é maior ainda nos primeiros anos de vida da criança, isto porque, como a psicologia moderna demonstra, os seis primeiros anos são realmente importantes e decisivos. Se o professor não tiver um conhecimento seguro das fases de desenvolvimento mental da criança se não souber o que ela tem capacidade ou não de fazer em determinada idade; se não for bastante criativo para preparar o ambiente propício, para motivar, preparar o material adequado às suas aulas e para desenvolver atividades pelas quais a criança se interesse; se não compreender que a criança pensa diferente do adulto e quer exercitar suas capacidades a seu modo, esse professor correrá o risco de deformar a criança em vez de formá-la.

"O professor é o responsável pelo chamado "clima psicológico" da sala de aula". (ALVES, 1992:127). Isto é, o professor poderá tornar a sua aula agradável, motivando as crianças, ou então, poderá devido ao seu clima não amigável tornar suas aulas insuportáveis. Devido ao despreparo de muitos professores, algumas crianças carregam por toda a vida escolar erros difíceis de superar tem problemas emocionais sérios e chegam a não gostar de estudos e detestar a escola. São formas de violência que, inconscientemente, o professor comete, como por exemplo, ao negar a oportunidade à criança de fazer uma tarefa a seu modo, experimentar um brinquedo

fora do horário programado ou falar sobre um problema que a está preocupando. Para os adultos estes fatos podem parecer insignificantes, porém, para uma criança pequena, estas situações podem atingir proporções de uma tragédia.

Segundo Drouet (1990:102) a didática da educação pré-escolar é a disciplina que tem como finalidade capacitar o futuro professor a adquirir técnicas, estratégias e habilidades para ensinar. Essas técnicas, no entanto, são diferentes para cada tipo de pré-escola. Se a finalidade da pré-escola é preparatória, ou seja, se o professor tem como objetivo principal fazer com que seus alunos ao final do curso pré-escolar, estejam preparados para entrar no 1º grau e já saibam realmente ler e escrever, ele deverá utilizar muitos exercícios com papel e lápis que são os chamados exercícios de coordenação motora fina ou de caligrafia muscular? deverá também desenvolver atividades que obriguem a criança a prestar atenção a ter noção de lateralidade, a ser capaz de copiar modelos de preencher, com cores, gravuras mimeografadas, sem sair dos limites do desenho. O professor, além do mais, passar tarefa de casa e dar provas periódicas com notas. Todos os exercícios e atividades do curso, principalmente no prezinho, devem ter como objetivo as habilidades e capacidades necessárias à leitura e à escrita, uma vez que o que se pretende é preparar a criança para a futura escolarização. Esse tipo de pré-escola tem portanto, um objetivo bem delimitado, restrito e, vale acrescentar, muito pobre. Se, por outro lado a orientação escolhida do desenvolvimento, o professor terá um objetivo bem mais amplo: desenvolver integralmente o educando, ou seja, procurará desenvolver todas as capacidades da criança tanto no sentido físico como intelectual, social e emocional. O físico se desenvolve através da ginástica e de boa alimentação, sono e repouso. As habilidades mentais, por sua vez, desenvolvem-se através de jogos e brincadeiras mentais, por sua vez desenvolvem-se através de jogos e brincadeiras em que a criança exercita a sua criatividade e capacidade de pensar, de raciocinar sobre problemas simples, como, por exemplo: A flutuação dos corpos na água, a germinação de sementes, o crescimento de plantas, a criação e observação de pequenos animais, como passáros, peixes, coelhos, cobaias, tartarugas, etc... "A criatividade e a invenção tem papel destacado nessa linha de trabalho do professor." (DROUET, 1990:105)

As habilidades e capacidades para viver em sociedade devem estar sempre sendo desenvolvidas porque, nesse tipo de pré-escola, pratica-se também o interacionismo, ou seja, acredita-se que o indivíduo só pode desenvolver bem em interação com o meio ambiente e com os outros indivíduos.

"O professor é o motivador do processo ensino-aprendizagem."

(ALVES, 1992:42)

2.1.5) A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Segundo Moacyr Gadotti (1993:37), o professor, uma pessoa real, quando apresenta tal como é, estabelece um relacionamento com o aluno, sem sustentar aparência ou fachada, tem muito mais probabilidade de ser eficiente. Isto significa que os sentimentos que experimenta estão a seu alcance, estão disponíveis ao seu conhecimento, que ele é capaz de vivê-los, de fazer deles algo de si, e, eventualmente, de comunicá-los. Significa que se caminha para um encontro pessoal direto com o aluno, encontrando-se com ele na base de pessoa-a-pessoa. Significa que está sendo ele próprio professor e aluno devem estar abertos ao diálogo, colocando-se como pessoas que tem aspirações, propósitos e interesses diferentes ou afins. Considerando esse aspecto, sugere-se que o professor pode ser uma pessoa real, nos contatos com seus alunos. Será entusiasta ou entediado, interessado nos alunos ou irritado, será receptivo e simpático. Se aceita tais sentimentos como seus, não precisa impô-los aos seus alunos. Pode gostar ou não do trabalho do estudante sem que isso implique ser objetivamente bom ou mau professor, ou que o estudante seja ma. Simplesmente diz o que pensa do trabalho, sentimento que sente no seu interior. É, assim, para os alunos, uma pessoa, não a corporificação, sem feições reconhecíveis, de uma exigência curricular, ou o canal estéril através do qual o conhecimento passa de uma geração para a outra.

"Professor e aluno devem manter uma relação de cordialidade e respeito." (GADOTTI, 1983:182). Deve existir confiança básica, que consiste na aceitação de um indivíduo, como pessoa separada, cujo valor próprio é um direito seu, e que a outra pessoa é realmente merecedora de crédito. Esta, é fundamental para um bom relacionamento entre professor-aluno. Os seres humanos se sentem motivados quando são despertados, quando estão envolvidos em um mesmo propósito ou objetivo. Entre mestres e discípulos deve haver igualdade de condições e reciprocidade. Estes, estão sempre em busca da verdade e é desta relação com a verdade que nasce a autoridade do mestre.

Segundo Maria Helena Patto (1985:25) a relação professor-aluno não se limita à apresentação dos papéis diferentes. Uma vez colocados na sala de aula, professor e alunos passam a constituir um grupo novo, com uma dinâmica própria, e entre eles se desenvolvem, muitas vezes, intensas relações interpessoais. E nestas que o processo de percepção e avaliação de qualidades pessoais arrume uma importân

cia decisiva. Do ponto de vista formal das relações interpessoais, portanto, a relação professor-aluno não apresenta novidade e pode ser, até uma relação fisicamente estruturada e de pequena significação. A sua importância reside no fato de o professor dentro de sala de aula, atuar como transmissor dos padrões de cultura e ser o responsável pela avaliação de algumas qualidades sociais muito importantes para o aluno. Em alguns dos aspectos básicos da vida social, auto-avaliação é fornecida pela escola; mais importante ainda, pelo menos nas cidades contemporâneas, a escola é o ponto de passagem entre a identificação da família e a identificação mais ampla do grupo social externo. A educação como processo de formação, não se separa da educação como forma de preparar-se para as relações interpessoais. Até que ponto é possível dizer que o indivíduo bem educado através das relações interpessoais terá facilidade nos seus contatos diretos com outras pessoas. E é fácil compreender porque se a imagem que temos de nós mesmos é, em grande parte, dada pelos outros, a imagem que temos dos outros depende também, da imagem que temos do nosso eu. A educação para o mundo humano se dá num processo de interação constante, em que nós vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos.

2.1.6) A PRÉ-ESCOLA (2 a 7 ANOS)

Segundo David Elkind (1972:18) durante o período pré-escolar, a principal tarefa cognitiva da criança é a conquista do símbolo. Nesse período, a função simbólica se torna completamente ativa como se verifica pelo rápido desenvolvimento da aquisição e utilização da linguagem, pelo surgimento da brincadeira simbólica e pelas primeiras lembranças de sonhos. Contudo, uma nova capacidade de representação, que liberou o bebê de seu egocentrismo com relação aos objetivos, agora prende a criança de pré-escolar num novo egocentrismo com respeito aos símbolos. No início desse período, a criança não consegue diferenciar entre as palavras e aquilo a que elas se refere e entre os símbolos que criou para suas brincadeiras e sonhos e a realidade. As crianças acreditam que o nome é mais inerente à coisa e que um objeto não pode ter mais de um nome.

O egocentrismo desse período é evidente, em particular, no comportamento linguístico das crianças. Quando explica o funcionamento de um aparelho a outra criança, por exemplo, o menino desse estágio usa vários termos indefinidos e não fornece informações importantes. Explica-se isso, às vezes, dizendo-se que a criança não consegue assumir o ponto de vista de outra pessoa, outra razão pode ser o fato de que a criança presume que as palavras carregam muito mais informação do que na realidade o fazem. Acredita-se, por exemplo, que até mesmo uma palavra indefinida com "coisa" transmite de algum modo as propriedades do objeto que é usada para representar. Em resumo, o egocentrismo desse período consiste na falta de uma diferenciação clara entre os símbolos e aquilo a que se referem.

"A criança de pré-escolar chega a níveis profundos de egocentrismo."
(ELKIND, 1972:59)

A educação na pré-escola é muito importante para o desenvolvimento intelectual e social da criança. Cabe ao professor motivar, estimular a criança no desenvolvimento de sua criatividade, linguagem ou coordenação motora. Esta é uma fase de transformações e descobertas.

Segundo Orly (1980:39) educação na pré-escola, pode ser de grande ajuda para o problema de privação cultural ser global e indiferenciado convida pelo menos as tentativas especulativas no sentido de interpretar a natureza da deficiência e de saber como e quando a criança de classe baixa mais provavelmente será pri

vada de experiências significativas. Um dos aspectos relevantes da vida de classe baixa é a aglomeração, ou seja, muitas pessoas, vivendo juntas num espaço pequeno. A aglomeração, no entanto, pode não ser prejudicial para grande parte do seu 1º ano de vida. Entretanto, durante o 2º ano de vida, as condições de vida num ambiente superpovoado seriam altamente prejudiciais. À medida que a criança começa a atirar objetos e a desenvolver, seus próprios métodos de locomoção, ela está sujeita a atrapalhar, adultos já mal-humorados e preocupados com seus próprios problemas de sobrevivência.

"As crianças de pré-escolar devem ter suas atividades variadas."
(ASSIS, 1980:121). A educadora Maria Montessori, em seu trabalho, quebrou a rotina na educação de crianças nessa fase. Afirmava que não havia sentido fazer com que as crianças realizassem as mesmas tarefas na escola, ao mesmo tempo. Cada criança deve ter a liberdade para fazer aquilo que a interessa. Isto significa que esta , tem a liberdade para persistir numa dada tarefa durante o tempo em que estivesse interessada, podendo mudar de atividade sempre que a mudança lhe parecesse apropriada.

2.4.7) VALORIZAÇÃO DA PRÉ-ESCOLA E SUA IMPORTÂNCIA

Segundo Droeut (1990:36) ao examinar a educação pré-escolar através dos tempos, verificamos que, embora as suas finalidades e objetivos fossem mudando com as novas solicitações de uma sociedade em transformação ela sempre se mostrou necessária. Quando ainda era uma educação informal, dada no seio da família pela mãe ou por uma pessoa responsável era indispensável para a criança que se iniciava nas primeiras "noções de coisas" e também nos afazeres domésticos, tanto do lar quanto do campo. Depois, já formalizada, foi sentida como a iniciação aos conhecimentos necessários a toda vida futura: economia, cálculo, cronologia etc...

Quando mulheres precisam deixar seus filhos em casa para trabalhar nas fábricas foi a educação pré-escolar sob a forma de "refúgios", que se iniciou da tarefa de cuidar deles. Mais tarde mesmo as famílias mais abastadas passaram a matricular os seus filhos nos jardins-de-infância para que tivessem diversão, adquirissem boas maneiras, fizessem trabalhos manuais e, principalmente, fossem socializados, isto é, aprendessem a viver em sociedade. Quando se pensou em saúde mental, prevenção das moléstias mais comuns, da infância e diagnóstico e tratamento de distúrbios de aprendizagem, mais uma vez foi a educação pré-escolar que antecedeu a escolarização regular que se revelou de extrema validade para atingir esses objetivos.

Segundo Ruth Droeut (1990:47) na década de 60, nos EUA, e na de 80 no Brasil, quando se procurou um meio de evitar o excessivo número de repetentes e diminuir o número de evasões escolares na 1ª série, e buscou-se na educação na pré-escola a solução desses problemas realmente graves, principalmente nos países subdesenvolvidos. A educação pré-escolar passou a ser encarada como medida profilática da carência cultural ou como educação compensatória, reeducativa dessa mesma carência, ou ainda como preparação para a escola de 1º grau, visando o sucesso nos estudos. Pode-se assinalar também nesse período, os movimentos reivindicatórios de creches, feitos pelas mulheres que trabalham em período integral e que, portanto, precisam de quem cuide de seus filhos, também por período de oito horas. Essas creches ou berçários situados junto à fábricas ou parques infantis, sem dúvida alguma possibilitam o trabalho feminino com muito mais segurança material e emocional tanto para as mães como para as crianças.

Segundo Elkind (1972:61) os professores, devem pensar na pré-escola principalmente como meio de desenvolver todas as potencialidades da criança desde os primeiros meses, preparando-se para a vida e não somente para a escola de 1º grau. Daí a sua importância: pode-se considerá-la como o período mais propício para uma ação educativa formal ou informal, que tenha como finalidade o aproveitamento dos primeiros anos de vida da criança, que são de um dinamismo intenso, para estimular e desenvolver todas as suas capacidades, habilidades, aptidões e interesses - enfim, todas as suas potencialidades.

"A educação das crianças em seus primeiros anos de vida é uma preocupação que vem desde a antiguidade." (ELKIND, 1972:40)

Segundo Droeut a pré-escola foi evoluindo, e cada vez mais se aperfeiçoando no sentido de poder desenvolver integralmente os educandos. Embora eles já tragam o "currículo oculto" de seus lares, a criatividade, a invenção, a socialização, a cooperação com os colegas, o espírito de equipe, através dos trabalhos em grupo, são capacidades e atividades que muito dificilmente não realizaria no próprio lar. Para isso, seria necessário que cada criança tivesse à sua disposição um adulto, por algumas horas e diariamente, que lhe proporcionasse todas as oportunidades que uma boa pré-escola pode oferecer.

"Igualdade de oportunidades educacionais para todos, sem distinção de classe social, raça ou religião, deve ser oferecida nesse período de pré-escolar tão propício ao desenvolvimento do ser humano." (DROEUT, 1990:49)

2.1.8) CRIANÇA VERSUS ESCOLA E MODERNIDADE

De um modo geral podemos dizer que do útero à morte estamos sempre aprendendo e, ou ensinando alguma coisa com amigos, parentes, estranhos, professores, políticos, poetas e até filósofos; através de posturas, gestos, palavras, formas, sentimentos; em casa, na rua, na fábrica, no sindicato, na festa, num livro, na escola.

Tudo isso faz parte de um aprendizado generalizado que poderíamos chamar de espontâneo, cotidiano, informal. A educação da escola é aquela em que o aprendizado é sistematizado e formalizado, onde se busca uma transmissão ordenada e se-rial de informações e conhecimentos e a preparação intelectual e ética do aluno (ou da criança transformada em aluno) para o convívio em grupo.

Segundo Damazio (1992:87) a escola é um referencial importante para a criança. Aí ela começa a tomar contato mais amplo com a coletividade, passa a enriquecer seu repertório de experiências e relacionamentos, assim como passa, também, a receber o treinamento para a vida social.

Acontece que a educação da escola não está dissociada da educação cotidiana existencial, assim como a escola não gravita acima ou além do contexto e do momento a que pertence. Assim, para a criança, sua formação será extremamente influenciada por essa educação mais ou menos formal que visa prepará-la para a vida social. A escola tanto reproduz os padrões vigentes como cria espaços para novas alternativas. Como a escola não é uma ilha e o aluno não é um candidato a Robinson Crusoe, pode-se dizer que a educação do cotidiano e a escola deveriam se encontrar, mas, não é assim que ocorre.

"A escola se tornou burocratizada e comercial." (DAMAZIO, 1992:24)

Segundo Nilda Alves (1992:62) a escola reluta em acompanhar as mudanças estruturadas da sociedade. Existe um descompasso gritante entre a realidade e a escola. A modernidade transformou a escola. O ensino de massa é um ensino descartável e a criança que ele forma é resultado dessa descartabilidade do conhecimento. A realidade está ultrapassando a escola que está se tornando obsoleta e até incapaz de meramente transmitir o óbvio e o mínimo socialmente necessário.

ramente transmitir o óbvio é o mínimo socialmente necessário.

Quando fala-se em ensino descartável, faz-se referência ao ensino que se preocupa em despejar conteúdos pré-fabricados sobre o maior número possível de alunos, que foram transformados em meros dígitos na contabilidade escolar. O professor descartável é aquele que ganha mal e é precariamente formado, tendo que se submeter, para sobreviver, a jornadas absurdas, sem poder sequer ter o controle do conhecimento e do processo de aprendizado que está trabalhando com seus alunos.

São ensinamentos modelos, grades curriculares preconcebidos, sem a preocupação de saber "para quem", "por quê" e "para quê" este ensino. Os modelos de aprendizagem são mais importantes que os sujeitos (professor e aluno) do aprendizado.

A forma como o conhecimento tem sido trabalhado na escola se tornou pasteurizado, formal e cheia de contradições. O saber vem antes da pessoa que sabe, ou deve saber. Isto é, uma idéia abstrata e ambígua de conhecimento, de linguagem, e mesmo de cultura, que vem antes da própria realidade, e parece sobrevoá-la.

Impõem-se à criança modelos de frase, que acabam viciando e bloqueando seu pensamento, sem se atentar para seu processo de auto-crescimento, seus modos de desenvolver a linguagem, seus ritmos de elaborar o conhecimento. Pouco espaço se dá para a criança criar e experimentar. "Nossas escolas ainda tem um ensino elitista." (ALVES, 1992:37)

A realidade urbana contemporânea impõe à criança um ritmo alucinante. De um lado o convívio tenso das desigualdades sociais e do outro o bombardeio múltiplo de informações. A subjetividade da criança se tece no contato com tais realidades. A criança capta, aprende, incorpora e, por fim, reproduz o teor desse mundo em que ela vive. Se uma leitura do mundo que a leve a situar-se como sujeito consciente, crítico e criativo, correremos o risco de continuar fechando portas para o aprimoramento dessa humanidade que vimos criando. Além, é claro, de reiterarmos a subjugação e a injustiça e perpetrarmos a reprodução da passividade, da apatia e do estrangulamento da sensibilidade.

Segundo Damazio (1992:23) a dureza e a indiferença para o novo que a infância representa em termos de imaginário e de comportamento, são uma comissão de

força cultural quase inescapável. a agressividade que praticamos até agora contra a criança é o fim de um ciclo neurótico cultural. A violência do homem contra o homem e do homem contra a natureza. Parece que nossa prática adulta reduz aquilo que na infância apresenta ser saudável e promissor para o indivíduo, seja através de frustrações ou imposições.

Pode-se ver como os meios e a tecnologia modernos modificam o brinquedo, as concepções de brincadeira e a fantasia da criança. Consume-se He-man e Rambo massivamente, vestem-se roupas dos heróis, compram-se bonequinhos e figurinhas. Repetem-se seus gestos e suas palavras. Reproduz-se uma ideologia bastante clara de uma outra cultura, adaptada à nossa vida, imposta ao cotidiano "inocente" da criança. Afinal, a criança é um grande consumidor.

É interessante notar a intrincada trama entre brinquedo, mercado e ideologia que cerca a criança e a torna cativa em um passe de mágica. Trata-se de mais uma forma sutil de invasão do universo imaginário da criança. Essa invasão torna-se deturpadora à medida que impõe modelos pré-fabricados e meramente comerciais, além de politicamente doutrinários. Até parece uma indústria para produzir a criança desejada. Não sobram espaços para a liberdade e a criação da criança se sua fantasia está sob controle.

Talvez seja o momento para uma percepção mais ampla sobre a necessidade de deixar a criança ser criança. Abrir espaços para seus movimentos permitir sua expressão, estimular seus desejos, curiosidades, dialogar honesta e abertamente com ela, reconhecer sua presença, seus sonhos, sua voz e ajudá-la a descobrir as coisas por seus próprios meios e ritmos, com lucidez e clareza e sem violência.

2.2) METODOLOGIA

2.2.1) DESCRIÇÃO DO MÉTODO

O método de pesquisa empregado é o descritivo, didático-positivista. A técnica empregada foi a revisão bibliográfica.

2.2.2) TIPO DE ESTUDO

A pesquisa será realizada através de um estudo bibliográfico e baseando-se na análise dos dados e resultados dos livros. Não haverá participação de outras pessoas na realização dessa pesquisa,

2.2.3) ORÇAMENTO E CRONOGRAMA

CRONOGRAMA

- a) 2ª quinzena do mês de março :
Levantamento bibliográfico
- b) 1ª quinzena do mês de abril:
Realização dos 3º e 4º capítulos.
- c) 2ª quinzena do mês de abril:
Realização dos 5º e 6º capítulos.
- d) Última semana do mês de abril:
Revisão do material escrito, com a professora orientadora.
- e) 1ª quinzena do mês de maio:
Finalização da conclusão do trabalho.
- f) 2ª quinzena do mês de maio.
Datilografia do trabalho.

ORÇAMENTO

Foram gastos 40 folhas de papel A4 para a realização dessa monografia ,
custando R\$ 0,20 cada papel.

Custo da encadernação R\$ 8,00.

Xerox custo: R\$ 5,00.

IV) CONCLUSÃO

O tema motivação atrai bastante as pessoas para o estudo da psicologia. Por que nos comportamos de modo como nos comportamos? Por que dois irmãos têm comportamento diferente? Por que escolhi ser professor? Por que alguém se interessa por aprender Português e não Matemática? Existem inúmeras perguntas, a lista seria enorme. Muitos especialistas resumem toda a motivação humana em auto-conservação e auto-expansão. A síntese do que o homem procura na vida é: satisfazer-se dentro de um quadro referencial imediato e, ao mesmo tempo, projetar-se para o futuro em busca de mais e melhor manter-se e expandir-se. Tudo aquilo que, na vida, o homem fazer, pensar e sentir estará relacionado com os motivos básicos.

De acordo com as características inatas de cada um, com o ambiente em que viver e a educação que receber de acordo com o modo como ocorrer a interação entre essas características da pessoa e do meio, teremos: A diferenciação dos motivos básicos de autoconservação e autoexpansão em uma série de outros, a determinação de objetivos que atendam, a estes motivos, e a escolha de caminhos que levem a esses objetivos. Motivação é o nome genérico dado a todo, este conjunto de operações.

Todo comportamento pode ser visto como um meio para alcançar o equilíbrio que permaneça no mesmo nível. O normal não é o repouso, mas a ação. Muitas vezes, o homem, rompe o equilíbrio estabelecido para restabelece-lo em nível que pretende, mais elevado. Motivação refere-se então, a um estado de tensão, uma impulsão interna, que inicia, dirige e mantém o comportamento voltado para um objetivo.

Cabe aos adultos diretamente ligados à escola, a responsabilidade de proporcionar uma iniciação agradável e feliz da criança na vida escolar. Para tanto, é necessário que os alunos sintam-se bem na escola, que tenham a noção de que pertencem a ela e que, por isso, devem amar e preservar esse espaço físico que os abriga diariamente. Portanto, é fundamental que todos - a direção, os professores

e funcionários da escola bem como os pais dos alunos - se conscientizem da importância da educação pré-escolar. Os professores da pré-escola devem ser preparados para uma didática bem diferente daquela comumente empregada nos outros cursos. A filosofia da educação que embasa é a do "aprender fazendo", da "liberdade de ação", da curiosidade e da criatividade, da invenção e do interesse. As aulas serão todas organizadas e planejadas em torno de atividades, de centro de interesse, de acontecimentos imprevistos. Esses planos de aula devem ser flexíveis, para que possam ser rapidamente mudados de acordo com os interesses dos alunos ou de algum evento importante. Nos métodos tradicionais e nos métodos ativos a figura central é o aluno e o objetivo essencial é fazê-lo aprender. A tarefa de educar crianças pequenas não é fácil. Exige tempo, muito amor, paciência, compreensão, interesse e mesmo uma certa dose de sacrifício. Em geral, os pais tem muita vontade de dar uma boa educação aos seus filhos - se possível, uma educação melhor do que a que eles receberam. Entretanto, mesmo que escolha uma boa pré-escola, é necessário que saibam que o processo de desenvolvimento de uma criança requer a ação conjunta da família e da escola, por isso, a colaboração de pais e professores é indispensável.

O papel do professor para motivar crianças nessa fase de pré-escola, é fundamental. Sendo este co-participante do desenvolvimento da criança ajudando em seu progresso.

IV) BIBLIOGRAFIA

- 1) ALVES, Nilda. Formação de professores: pensar e fazer. SP, Cortez, 1992.
- 2) BARROS, Célia Silva Guimarães. Pontos de psicologia geral. SP, Editora Ática, 1989.
- 3) BIGGE, Moris L. Teorias de aprendizagem para professores e universitários, 1977.
- 4) BRUNER, Jerone S. O processo da educação. RJ, Companhia editora normal, 1973.
- 5) CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem. RJ, Editora vozes, 1972.
- 6) CERIZADA, Ana Beatriz. A pré-escola em questão. Florianópolis, perspectiva, 1984.
- 7) DAMAZIO, Reynaldo Luiz. O que é criança adolescente , menor. SP, Círculo do livro, Coleção primeiros passos, 1992.
- 8) DREW, Walter F. Como motivar os alunos de hoje. SP, Saraiva, 1977.
- 9) DROUET, Ruth Caribe da Rocha. Fundamentos da educação pré-escolar. SP, Ática.
- 10) ELKIND, David. Crianças e adolescentes. RJ, Editora Zahar, 1972.
- 11) FALCÃO, Gerson Marinho. Psicologia da aprendizagem. SP, Editora Ática, 1989.

- 12) FERRARI, Alceu R. Pré-escola. Para Salvar a escola ?
SP, Educação e sociedade, 1982.
- 13) FREIRE, Paulo. Medo e ousadia. O cotidiano do profes-
sor. RJ, Paz e terra, 1993.
- 14) GADOTTI, Moacir. História das idéias pedagógicas. SP,
Ática, 1993.
- 15) GREEN, Donald Rors. Psicologia da educação. RJ, Edi-
tora Zahar, 1970.
- 16) MAGER, Robert Frank. Atitudes favoráveis do ensino .
Porto Alegre, Globo, 1976.
- 17) MORAIS, Regis de. O que é ensinar. SP, EPU, 1986.
- 18) PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à psicologia
escolar. SP, T.A. Queiroz editora, 1985.
- 19) PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. RJ, edito-
ra forense universitária, 1986.
- 20) PRETTO, Silos Pereira Neves. Educação humanista: Ca-
racterísticas de professores e seus efeitos sobre
alunos. SP, Cortez, 1978.
- 21) RADFORD, John. A pessoa em psicologia. RJ, Zahar ,
1976.
- 22) ROGERS, Carl. Liberdade para aprender em nossa déca-
da. Porto Alegre, Editora Artes médicas, 1986.
- 23) SOUZA, Solange Jobim e. Pré-escola: em busca de suas
funções. SP, cad. pesq, fev, 1984.